



VIII ENCONTRO DA ESCOLA - EPFCL  
2 DE MAIO DE 2024 - PARIS  
SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM À ANALISTA

Abertura N°2

Didier Castanet EPFCL-France (Toulouse)

Lacan avança na sua « Proposição sobre o psicanalista da Escola », de 1967, "Isso não autoriza o psicanalista, de modo algum, a se dar por satisfeito com saber que nada sabe, pois o que se trata é do que tem de saber,". Outros Escritos, p.254.

Mesmo que Lacan tenha variado ao longo de seu ensino sobre a questão do saber, ele sempre vai insistir que é o que não sabemos que deve nos guiar. É por isso que ele começará argumentando que se trata de se assentar, não num hipotético desejo de saber, mas sobre a paixão da ignorância. A ignorância tem aqui um sentido preciso, muito afastado do sentido habitual da ausência ou da negação do conhecimento. Isto porque a questão não é sobre a falta de saber, coisa sempre prejudicial e à qual não se trata de se resignar, mas sobretudo sobre o que nunca se pode saber no limite de uma cura, qual seja, a verdade do sujeito que a empreende. Essa verdade que ele ignora necessariamente, se trata, para o analista, de localizá-la corretamente e não a confundir com uma insuficiência de saber.

E para identificar isso que ele só pode ignorar previamente, para saber pelo menos que há alguma coisa a saber, é necessário se munir de um saber muito substancial. De fato, há uma diferença fundamental entre saber ou não saber o que ignoramos. E é só nesse sentido que a ignorância não tem nada a ver com o analfabetismo ou o ignorantismo de que Lacan sempre se queixava, mas constitui a forma mais elaborada do saber. Essa forma, que Lacan chamou primeiro de não-saber, e depois de não sabido, é, no início do tratamento, uma forma vazia, um conjunto vazio, do qual não existe mais que um quadro. Quadro indispensável no qual poderá se colher e se elaborar o saber inconsciente do sujeito, que faz, como formula Lacan, "o não sabido se ordenar como quadro do saber" Outros Escritos, p.254.

Qual seria esse saber consequente, propício de localizar nossa ignorância? Embora fosse melhor ter um saber doutrinal rico, não é o suficiente, evidentemente, para ser um letrado. Esse saber deve também tocar o real e a verdade. É aqui que o analista é um produto do tratamento, do seu próprio, real e verdade, que só pode ser dele. Cabe-lhe, então, poder fabricar do saber com sua experiência, um saber suscetível de acolher, em seguida, uma verdade que não lhe pertence, e até mesmo de presentificá-la na transferência. Isto abre a questão do desejo do analista.

Tradução: Elynes Barros Lima  
Revisão: Glaucia Nagem de Souza